

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ - SETOR LITORAL

THAMYRES PIRES SANT'ANA

**HISTÓRIA, PRÁTICA E TRADIÇÕES DA COMUNIDADE DE SÃO MIGUEL
PARANAGUÁ/PR: MUDANÇAS PROVOCADAS PELA ENTRADA DA PESCA DO
SIRI**

MATINHOS

2021

THAMYRES PIRES SANT'ANA

**HISTÓRIA, PRÁTICA E TRADIÇÕES DA COMUNIDADE DE SÃO MIGUEL
PARANAGUÁ/PR: MUDANÇAS PROVOCADAS PELA ENTRADA DA PESCA DO
SIRI**

Trabalho de conclusão de curso, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharelada, no curso de Bacharel em Gestão Ambiental, Universidade Federal do Paraná Setor Litoral.

Orientador: Antonio Luis Serbena, MSc.

MATINHOS
2021

“Se vocês permanecerem nas minhas palavras, são realmente meus discípulos;
vocês conhecerão a verdade, e a verdade os libertará.”

(João 8:31,32)

RESUMO

Uma das atividades do litoral do Paraná bastante praticada, por moradores de ilhas ou comunidades insulares é a pesca, na baía de Paranaguá encontram-se diversas comunidades, que além da pesca trazem consigo diversos costumes e tradições, ou seja, uma riqueza cultural.

O presente trabalho visa identificar a história, prática e tradição dos moradores da Ilha de São Miguel ou Saco do Tambarutaca, que é uma comunidade de pescadores do Litoral do Paraná, pertencente à cidade de Paranaguá, onde as principais atividades são a pesca e o artesanato.

Para tal pesquisa foram utilizadas diferentes metodologias, entrevistas com alguns moradores do local, e como resultado obtivemos diversas informações de atividades desenvolvidas tanto no passado, como atualmente, de forma detalhada. Além de identificar alguns fatos históricos, que eram pouco abordados na comunidade.

Palavras- chave: Ilha de São Miguel. Pesca do siri. Pescadores artesanais. Litoral do Paraná.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 - MAPA DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE GUARAQUEÇABA..... | 5 |
| FIGURA 2 - MAPA DE SÃO MIGUEL/SACO DO TAMBARUTACA, PARANAGUÁ-PR..... | 7 |
| FIGURA 3 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE SÃO MIGUEL, PARANAGUÁ/ PR, NO LITORAL DO PARANÁ, LOCAL DE PESQUISA..... | 8 |
| FIGURA 4 - CRIAÇÃO DE FRANGO..... | 13 |
| FIGURA 5 - CASA DE MADEIRA NA COMUNIDADE DE SÃO MIGUEL..... | 14 |
| FIGURA 6 - CAMINHO PARA CHEGAR ATÉ A COMUNIDADE..... | 15 |
| FIGURA 7 - PROCISSÃO DA ROMARIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E SANTÍSSIMA TRINDADE..... | 16 |
| FIGURA 8 - GAIOLA JÁ COM A ISCA SENDO COLOCADA NO MAR..... | 17 |
| FIGURA 9 - RETIRADA DA GAIOLA, JÁ COM OS SIRIS CAPTURADOS DEPOIS DE 12 HORAS..... | 19 |
| FIGURA 10 - SIRIS COLETADOS, SENDO LEVADO ATÉ A COMUNIDADE COM A AJUDA DE UM CARRINHO DE MÃO OU CARRINHO CAÇAMBA..... | 20 |
| FIGURA 11 - COZIMENTO DO SIRI, NO FOGO A LENHA..... | 21 |
| FIGURA 12 - RETIRADA DA CARNE DO SIRI, PELAS MARISQUEIRAS..... | 21 |
| FIGURA 13 - SAQUINHOS COM CARNE DE SIRI, PORCIONADOS COM PESO DE 1KG..... | 22 |
| FIGURA 14 - CASCA DO SIRI..... | 23 |
| FIGURA 15 - CRIANÇAS CARREGANDO AS CESTARIAS..... | 25 |
| FIGURA 16 - CRIANÇAS DESCASCANDO A TAQUARA..... | 26 |
| FIGURA 17- HOMEM COLETANDO A TAQUARA, NA MATA..... | 28 |
| FIGURA 18- HOMEM RETORNANDO A COMUNIDADE, COM AS TAQUARAS COLETADAS..... | 28 |
| FIGURA 19 - CESTARIAS PRODUZIDAS ATUALMENTE..... | 29 |
| FIGURA 20 - CASA DE FARINHA..... | 31 |

| | |
|--|----|
| FIGURA 21 -CASA DE FARINHA..... | 32 |
| FIGURA 22 - PLANTAÇÃO DE MANDIOCA..... | 34 |
| FIGURA 23 - PLANTAÇÃO DE MELANCIA..... | 35 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|--|----|
| 1 | INTRODUÇÃO | 1 |
| 1.1 | PESCA NO LITORAL DO PARANÁ..... | 2 |
| 2 | METODOLOGIA | 3 |
| 2.1 | ÁREA DE ESTUDO..... | 3 |
| 2.1.1 | Litoral do Paraná..... | 3 |
| 2.1.2 | Município de Paranaguá | 3 |
| 2.1.3 | APA de Guaraqueçaba..... | 4 |
| 2.1.4 | Comunidade de São Miguel..... | 7 |
| 2.2 | MÉTODOS..... | 9 |
| 2.2.1 | Pesquisa Bibliográfica..... | 9 |
| 2.2.2 | Pesquisa Exploratória..... | 10 |
| 2.2.3 | Pesquisa Qualitativa..... | 11 |
| 2.2.4 | Entrevista Semi-estruturada..... | 11 |
| 3 | RESULTADO E DISCUSSÃO | 12 |
| 3.1 | ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS GERAIS DO PASSADO E DO PRESENTE DE SÃO MIGUEL | 12 |
| 3.1.2 | Festas e Comemorações..... | 15 |
| 3.1.3 | LENDAS E MITOS..... | 17 |
| 3.2 | ATIVIDADE ECONÔMICA DA PESCA DO SIRI..... | 17 |
| 3.3 | ATIVIDADES DE PESCA ANTERIORES A PESCA DO SIRI TORNAR-SE PREDOMINANTE..... | 24 |
| 3.3.1 | Pesca do siri..... | 24 |
| 3.3.2 | A Pesca de Peixes e Camarões..... | 24 |
| 3.3.3 | Coleta de Moluscos..... | 25 |
| 3.3.4 | Cestaria..... | 25 |
| 3.3.5 | Farinha..... | 30 |
| 3.3.6 | Plantação de Alimentos, Chamada Popularmente de “Roça”..... | 33 |
| 3.4 | TURISMO..... | 36 |
| 3.5 | A INVISIBILIDADE DOS PESCADORES..... | 36 |
| 4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 36 |
| | REFERÊNCIAS | 38 |

| | |
|--|-----------|
| ANEXO 1 - REGISTROS DE BATISMO IGREJA CATÓLICA DE GUARAQUEÇABA..... | 41 |
|--|-----------|

1. INTRODUÇÃO

A exploração dos recursos pesqueiros é antiga, tendo uma importância não somente econômica, mas cultural e simbólica (DIEGUES, 2004). A pesca é a atividade comercial praticada ao longo de todo o litoral brasileiro, que se estende por mais de 8.500 km de Costa, apresentando, portanto, elevada importância social e econômica para enorme contingente de trabalhadores nas regiões (MAPA, 2019).

Segundo a lei nº 11.959, de 29 de junho de 2009, a pesca é definida como “toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros”.

E é dividida em categorias:

I – comercial: a) artesanal: quando praticada diretamente por pescador profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte;

b) industrial: quando praticada por pessoa física ou jurídica e envolver pescadores profissionais, empregados ou em regime de parceria por cotas-partes, utilizando embarcações de pequeno, médio ou grande porte, com finalidade comercial;

II – não comercial:

a) científica: quando praticada por pessoa física ou jurídica, com a finalidade de pesquisa científica;

b) amadora: quando praticada por brasileiro ou estrangeiro, com equipamentos ou petrechos previstos em legislação específica, tendo por finalidade o lazer ou o desporto;

c) de subsistência: quando praticada com fins de consumo doméstico ou escambo sem fins de lucro e utilizando petrechos previstos em legislação específica.

(BRASIL, LEI Nº 11.959, DE JUNHO DE 2009, ART. 8º)

1.1 PESCA NO LITORAL DO PARANÁ

No território litorâneo, está presente uma pressão social, juntamente com a expansão de atividades produtivas, onde se compartilham atividades econômicas tradicionais, composta pela pesca e agricultura familiar, e atividades industriais, turísticas, urbanas e portuárias, com potencial à ampliação (IAT, 2016).

Segundo Raynaut, et al, (2002) uma das atividades que mais caracterizam o Litoral do Paraná é a pesca. Entre ambientes rurais e urbanos, estão presentes cerca de 60 vilas de pescadores, considerando o interior da baía e a frente oceânica, incluindo comunidades, que possuem exclusividade na atividade pesqueira, até bairros urbanos. Esta atividade pesqueira desenvolve-se de modo artesanal ou ainda artesanal e costeira, praticada no interior dos estuários e na plataforma continental rasa (IAT, 2016). Segundo Mendonça et al. (2017) o número de pescadores no litoral paranaense foi de 5.752 para o período 2014/2015.

É importante salientar que a autora pertence ao local de estudo e possui familiares que são residentes e trabalhadores da pesca, essa ligação permite, um olhar de dentro da comunidade, uma dimensão autográfica, que possui a ajuda de seu primo fotógrafo Luiz Felipe Pires, que enriquece o trabalho com suas lindas imagens, permitindo assim que captamos um pouco do cotidiano e do saber local da Ilha de São Miguel. Por conta dessa aproximação, foram observadas mudanças nas atividades culturais promovidas principalmente pela mudança da atividade econômica para a pesca e processamento do siri.

Este estudo visa realizar um levantamento das atividades culturais tradicionais remanescentes após a entrada da atividade econômica da produção da carne de siri e os impactos gerais causados na comunidade de São Miguel.

2. METODOLOGIA

2.1. ÁREA DE ESTUDO

2.1.1. Litoral do Paraná

O litoral do Paraná é composto por sete municípios, Guaraqueçaba e Morretes, que possuem um perfil rural, Matinhos, Pontal do Paraná e Guaratuba que são praianos e Antonina e Paranaguá, que são municípios portuários. O povoamento do litoral do Paraná começou por volta de 1550, na ilha da Cotinga, Paranaguá/PR, servindo mais de ponto referencial no processo de investigação e buscas auríferas. (PARANAGUÁ, 2021).

2.1.2 Município de Paranaguá

O primeiro município criado no Paraná foi Paranaguá, sendo que desta cidade foram desmembradas as demais unidades municipais da porção territorial que compõem o estado do Paraná (WACHOWICZ, 1995).

Segundo Bigarella, (1946), a cidade foi fundada em 1648 e em 1935 foi dado início ao porto Dom Pedro II, que mudou o perfil econômico da região, sendo considerado o segundo maior em volume de exportações e o primeiro da América Latina em movimentação de grãos, hoje é a atividade que mais movimenta a economia do município.

A baía de Paranaguá, uma das maiores do Brasil, possui uma beleza ímpar e estende até 50 km terra adentro. Paranaguá possui uma área territorial de 826,431 km² é o município mais populoso do litoral paranaense, tendo uma população estimada de 156.174 habitantes (Fonte: IBGE, 2020)

Conforme o Plano Diretor do município,

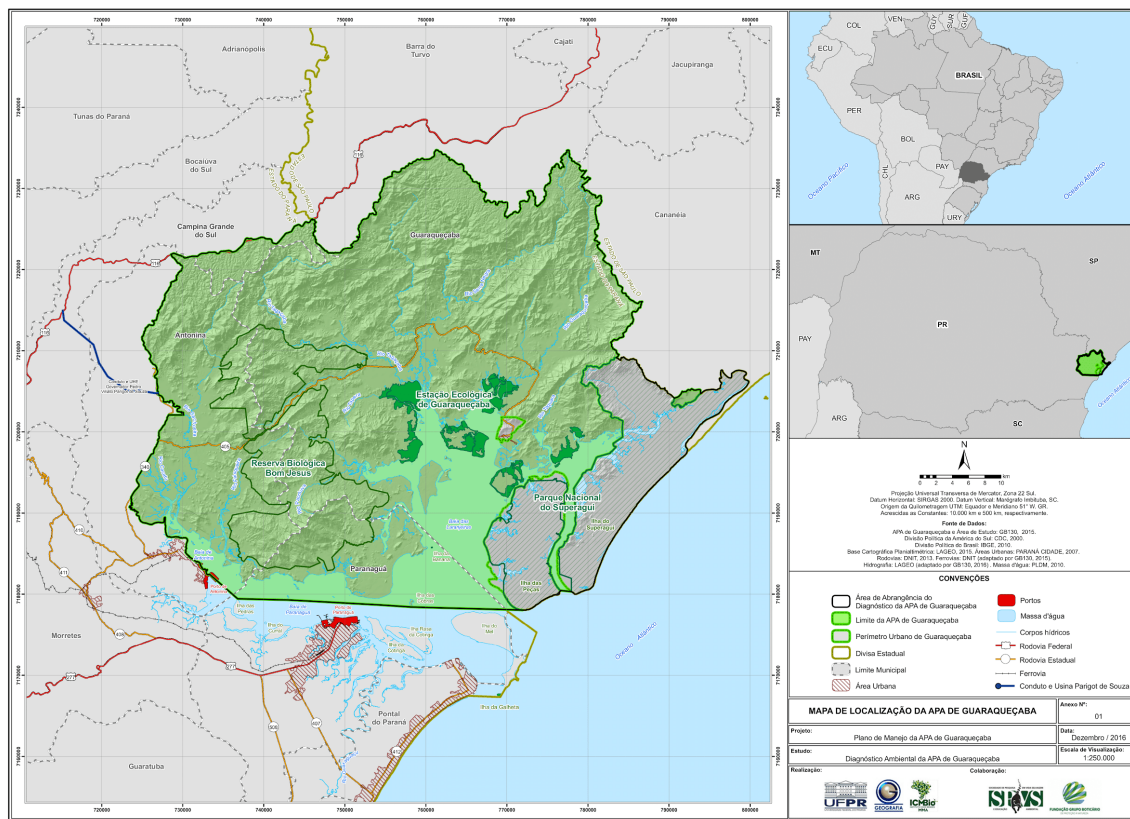
Paranaguá é formada por duas áreas continentais separadas pela baía de Paranaguá e ilhas. Essa configuração gera cenários de ocupação diferenciados não apenas entre as áreas continentais e as áreas insulares, mas também entre as áreas continentais norte e sul da baía e entre as

próprias ilhas. Na área insular, as comunidades apresentam características em comum: apresentam pouca extensão de ocupação, as residências localizam-se na costa próximas ao trapiche, o transporte é marítimo, e a principal fonte de renda é a pesca, entre outras". (PDDI, 2007, p.186).

2.1.3. APA de Guaraqueçaba

São Miguel, Paranaguá/PR, está Inserido na Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba, unidade de conservação de uso sustentável e, de acordo com o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), está localizada no bioma marinho costeiro, com uma área de 282.446,36 hectares, sua criação se deu pelo decreto nº 90.883 de 31 de janeiro de 1985.

FIGURA 1- MAPA DA ÁREA DE PROTEÇÃO AMBIENTAL DE GUARAQUEÇABA



FONTE: DOCS UFPR (2016)

Ocupa parte dos territórios dos municípios paranaenses de Campina Grande do Sul, Guaraqueçaba, Antonina e Paranaguá (ICMBIO, 2019) e possui bioma compartilhado Mata Atlântica e Marinho.

É uma das últimas áreas representativas da Floresta Pluvial Atlântica, reunindo espécies ameaçadas de extinção, sítios arqueológicos, complexo estuarino da baía de Paranaguá e comunidades caiçaras localizadas na região. (Unidades de Conservação no Brasil, ANO).

A lei do SNUC (Sistema Nacional de Unidades de Conservação) nº 9.985/2000, estabelece critérios e normas para a criação, implantação e gestão das unidades de conservação. Define como unidade de conservação,

“espaço territorial e seus recursos ambientais, incluindo as águas jurisdicionais, com características naturais relevantes, legalmente instituído pelo Poder Público, com objetivos de conservação e limites definidos, sob

regime especial de administração, ao qual se aplicam garantias adequadas de proteção;”. (BRASIL, LEI Nº 9.985, DE 18 JULHO DE 2000, ART. 2º)

As unidades de conservação são separadas em dois grupos:

1) Unidades de Proteção Integral, que objetiva preservar a natureza, sendo admitido apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos na lei do SNUC. Esse grupo é composto pelas seguintes categorias: I - Estação Ecológica; II - Reserva Biológica; III - Parque Nacional; IV - Monumento Natural; e V - Refúgio de Vida Silvestre;.

2) Unidades de Uso Sustentável que objetiva compatibilizar a conservação da natureza com o uso sustentável de parcela dos seus recursos naturais. O segundo grupo possui as seguintes categorias de UC (Unidade de Conservação): I - Área de Proteção Ambiental; II - Área de Relevante Interesse Ecológico; III - Floresta Nacional; IV - Reserva Extrativista; V - Reserva de Fauna; VI – Reserva de Desenvolvimento Sustentável; e VII - Reserva Particular do Patrimônio Natural. (BRASIL, LEI Nº 9.985, DE 18 JULHO DE 2000, CAPÍTULO III, ART. 7º)

De acordo com a Lei, a Área de Proteção Ambiental,

“é uma área em geral extensa, com um certo grau de ocupação humana, dotada de atributos abióticos, bióticos, estéticos ou culturais especialmente importantes para a qualidade de vida e o bem-estar das populações humanas, e tem como objetivos básicos proteger a diversidade biológica, disciplinar o processo de ocupação e assegurar a sustentabilidade do uso dos recursos naturais”. (BRASIL, LEI Nº 9.985, DE 18 JULHO DE 2000, CAPÍTULO III, ART. 15)

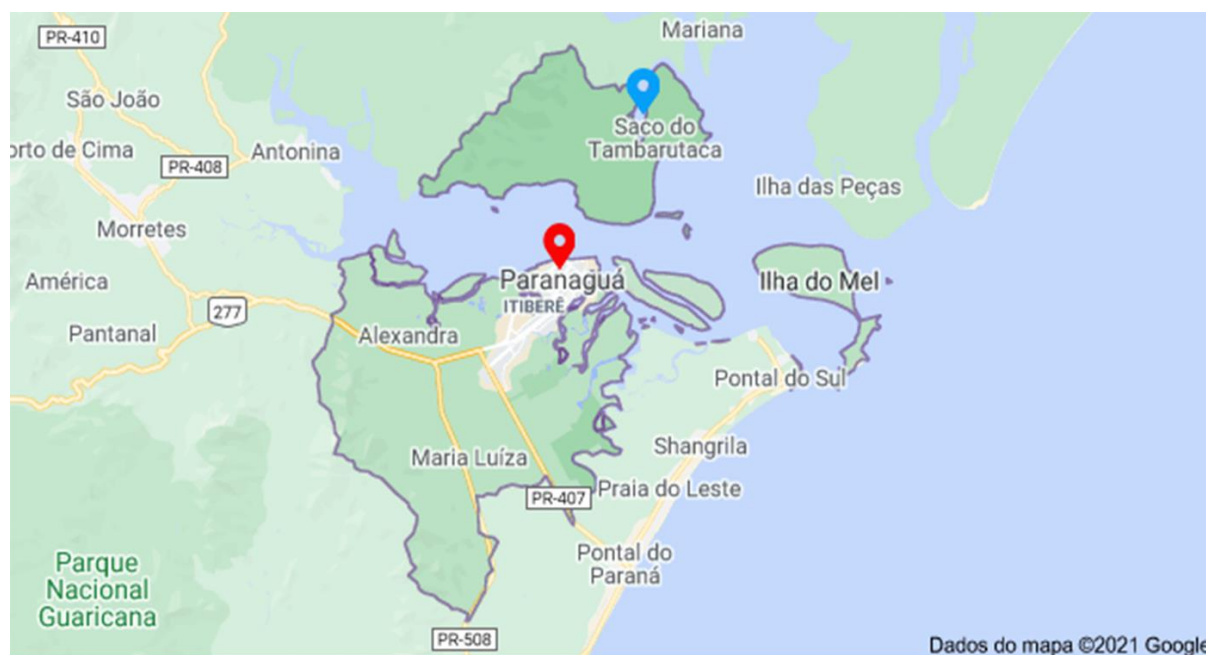
Segundo o cadastro Nacional de Unidades de Conservação, do Ministério do Meio Ambiente (MMA), o Paraná possui 40 UC's de Uso Sustentável, que representa 1,73% do número total de UC'S, sendo 11 (0,48%) Área de Proteção Ambiental.

2.1.4. Comunidade de São Miguel

Segundo o PDDI, de 2007, São Miguel está localizada a cerca de 20 quilômetros de distância de Paranaguá. As principais atividades desenvolvidas na comunidade, são a pesca e o artesanato. As moradias estão distribuídas ao longo da costa, e a ilha é habitada por cerca de 80 famílias.

A energia elétrica é de responsabilidade da empresa COPEL e a água é abastecida por um micro sistema comunitário, precário. Além disso, “possui um posto de saúde com atendimento periódico e uma escola de 1ª a 4ª série, além de alguns pequenos estabelecimentos comerciais.” (PDDI, 2007)

FIGURA 2 - MAPA DE SÃO MIGUEL/SACO DO TAMBARUTACA, PARANAGUÁ-PR



LEGENDA:

- PARANAGUÁ
- SACO TAMBARUTACA

FONTE: GOOGLE MAPS (2021). Adaptado pela autora (2021)

O litoral configura-se como área prioritária para a preservação e conservação ambiental, compreendendo um mosaico de unidades geoambientais, representadas principalmente pela presença de fragmentos bem preservados da Floresta Pluvial Subtropical Atlântica e do Complexo Estuarino de Paranaguá, que se estende de Paranaguá até Cananéia e Iguape (SP), e pela ocorrência de grandes áreas cobertas por manguezais. (PDDI, 2007, p.33).

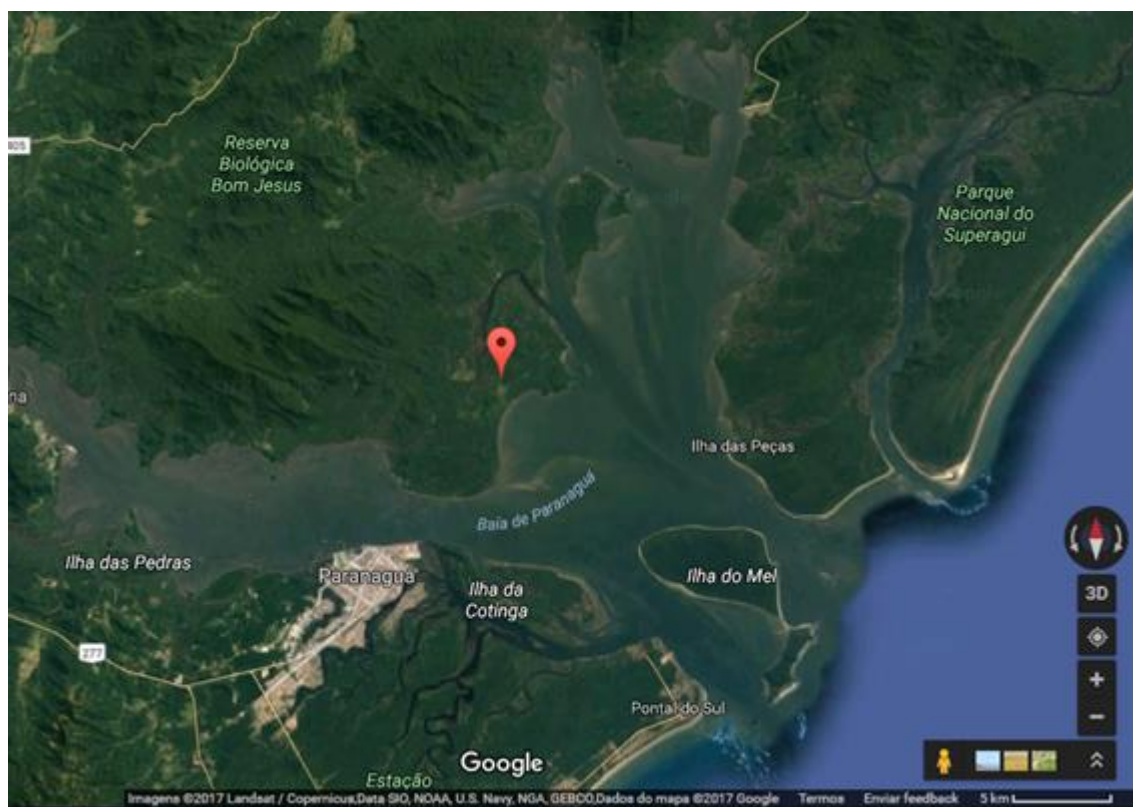
De acordo com o IAT, 2016, a porção oriental do Estado do Paraná possui uma área de cobertura vegetal natural de remanescentes da Floresta Ombrófila Densa, de suma importância no território brasileiro. A região sofre por uma vulnerabilidade ambiental, com riscos de ocorrências de desastres naturais por conta presença de fortes gradientes topográficos na Serra do Mar, e ambientes frágeis, como a planície costeira, o complexo estuarino e os manguezais.

O Litoral do Paraná não apresenta nenhum período seco durante o ano; as chuvas são bem distribuídas ao longo do ano, embora com uma maior concentração no verão. (VANHONI, F. & MENDONÇA, F., 2007)

Segundo a classificação climática de Koeppen, o tipo climático é o Cfa (Clima temperado chuvoso e moderadamente quente), clima mesotérmico, com invernos amenos, úmido e com predominância de verões quentes.

A comunidade de São Miguel está localizada no Estado do Paraná, e pertence ao município de Paranaguá. É conhecida também como Saco do Tambarutaca, por conta de uma espécie de crustáceo, semelhante a uma lagosta, que havia no local.

FIGURA 3 - LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DE SÃO MIGUEL, PARANAGUÁ/ PR, NO LITORAL DO PARANÁ, LOCAL DE PESQUISA



FONTE: Google Earth.

A comunidade é constituída de aproximadamente 230 habitantes, com base em casas que recebem abastecimento de água, o número total de casas é de 115, sendo 9 pontos comerciais (escola, igreja, posto de saúde, comércios). O total de casas com moradores é de 91. Aproximadamente 15 casas não possuem moradores, pois são casas de turistas, parentes e familiares dos moradores que utilizam com mais frequência no mês de dezembro a janeiro, com intuito de veraneio, ou duas vezes ao ano, carnaval e festa do Bom Jesus, festividades que acontecem no local.

2.2. MÉTODOS

Para elaboração deste trabalho foram utilizados diferentes métodos de pesquisa. Dentre eles:

2.2.1. Pesquisa Bibliográfica

Foram realizadas pesquisas bibliográficas de artigos relacionados ao tema, “a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites” (GERHARDT & SILVEIRA,2009).

As pesquisas foram feitas na plataforma Google Acadêmico, ferramenta de pesquisa disponibilizada pelo Google, sites governamentais e o acervo bibliográfico UFPR, Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Paraná (SIBI/UFPR), tanto de forma física como digital.

2.2.2. Pesquisa Exploratória

A pesquisa exploratória foi utilizada como metodologia de pesquisa, “este tipo de pesquisa tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. A grande maioria dessas pesquisas envolve: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que estimulem a compreensão” (GERHARDT & SILVEIRA, 2009).

Considerando essa definição, após levantamento bibliográfico, foi realizada uma visita a campo, para uma aproximação com o local e a comunidade envolvida, com o objetivo de levantamento de hipóteses, dados e informações, através de entrevistas e observação do local de pesquisa.

“esta constitui uma técnica alternativa para se coletarem dados não documentados sobre determinado tema. É uma técnica de interação social, uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca obter dados, e a outra se apresenta como fonte de informação. A entrevista pode ter caráter exploratório ou ser uma coleta de informações” (GERHARDT & SILVEIRA,2009).

Foram realizadas entrevistas com 5 pessoas, sendo 4 moradores e 1 ex-morador, mas que tem moradia no local e visita com frequência, com assuntos voltados à cultura, história e mudanças no local, assuntos esses mais atuais, pois os entrevistados tinham entre 18 e 50 anos.

2.2.3. Pesquisa Qualitativa

Uma segunda visita foi realizada, através da metodologia pesquisa 6.1 qualitativa. Segundo Gerhardt & Silveira, 2009, na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.

A pesquisa qualitativa preocupa-se, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais. Para levantamento de dados qualitativos, foi realizada uma segunda entrevista com a metodologia de entrevista semi-estruturada.

2.2.4. Entrevista Semi-estruturada

Dentre os diferentes tipos de entrevistas a escolhida é a entrevista semi-estruturada, nesta “o pesquisador organiza um conjunto de questões (roteiro) sobre o tema que está sendo estudado, mas permite, e às vezes até incentiva, que o

entrevistado fale livremente sobre assuntos que vão surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARDT & SILVEIRA, 2009).

Para tal metodologia, foram escolhidas duas moradoras do local, que possuem mais experiência por terem idade mais avançada, 78 e 83. Todas as questões foram abertas, dando ênfase para a parte histórica mais antiga do local, envolvendo assuntos de atividades econômicas, práticas e hábitos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 ALGUNS ASPECTOS HISTÓRICOS GERAIS DO PASSADO E DO PRESENTE DE SÃO MIGUEL

No passado, não era comum que as pessoas se registrassem no cartório. As mulheres davam à luz, por meio de parteiras e o batismo, na igreja católica, era o único registro do nascimento das crianças (Anexo 1). Há relatos de que muitos moradores antigos vieram a fim de morar no local, para se refugiar da segunda guerra mundial. A comunidade cresceu a partir de poucas famílias, era comum o casamento consanguíneo, ou seja, entre parentes. Atualmente, é evidente que os moradores da comunidade, possuem em sua maioria o mesmo sobrenome, Pires, Rosário, Lacerda, Ferreira, Fernandes, Costa e Alves.

Há anos atrás, não havia energia elétrica, não tinha como conservar os alimentos, por isso era comum, utilizar a técnica de defumação da carne, que consiste em deixar secar a carne do peixe com a fumaça que sai do fogão a lenha, tal técnica permite que o alimento tenha um maior período de conservação. Nessa época os moradores utilizavam, lamparina artesanal, que funciona com combustível, depois passaram a utilizar lamparina, movida a gás, para poder iluminar a residência, ou o caminho quando era preciso se deslocar. Para tomar um banho quente no inverno, a água era esquentada no fogão a lenha e o banho era com auxílio de uma caneca.

Eles tinham uma forte relação com os rios, local onde era captada a água, para consumo, além disso, a lavagem de roupas e louças eram feitas também no rio.

Os banheiros não existiam, era comum realizar suas necessidades no mato, a céu aberto. Também as crianças realizavam as necessidades de forma comunitária, ou seja, se juntavam para dejetar. Essas práticas sofreram mudanças ao longo do tempo, pois passou a ter um buraco no quintal onde a família realizava as necessidades. Logo, foram construídos banheiros, mas separados das casas, e atualmente os banheiros são alocados dentro da residência.

Atualmente a comunidade possui duas escolas, uma municipal e outra estadual, fornecendo o acesso à educação a todos os moradores até o ensino médio, já para quem quer cursar o nível superior, precisa ir para a área urbana de Paranaguá ou para outra região. No local tem um postinho de saúde, que possui uma agente de

saúde que agenda as consultas do mês, e a cada duas semanas o posto recebe a visita de um médico, que atende os pacientes da comunidade. As pessoas possuem uma vida simples, o alimento consumido varia, desde o pescado, caças e frangos (FIGURA 4) e ovos, que são cultivados por alguns moradores. Muitos alimentos também são adquiridos em supermercados, no centro de Paranaguá, com acesso por meio de barcos.

FIGURA 4 - CRIAÇÃO DE FRANGO



FONTE: A autora (2017).

As casas, são na grande maioria de madeira (FIGURA 5), e coloridas, dificilmente uma cor se repete. Para chegar até a comunidade, precisa fazer uma caminhada, logo após chegar no trapiche, de 1 km, a dificuldade se encontra em momentos de chuva, pois o caminho fica inundado, e também no transporte de compras, que é feito com carrinho de mão ou carregado nas costas com auxílio de um tronco ou galho de árvore, como na FIGURA 6.

Os barcos ficam perto do trapiche, ancorados, ou em casinhas de madeiras, próprias para abrigá-los.

FIGURA 5 - CASA DE MADEIRA NA COMUNIDADE DE SÃO MIGUEL



FONTE: A autora (2017).

FIGURA 6 - CAMINHO PARA CHEGAR ATÉ A COMUNIDADE



FONTE: A autora (2017)

3.1.2. FESTAS E COMEMORAÇÕES

As festividades fazem parte da cultura da comunidade, o Carnaval é uma das datas comemorativas que costumeiramente, são realizadas todos os anos. Nessa data, é comum ter um baile com cantores, ao vivo, onde se canta marchinhas de carnaval, é praticada uma dança que envolve de três a quatro pessoas, que se dão as mãos e dão voltas pelo salão dançando em forma de vai e vem, cerca de três passos para frente e um para trás. O forró também está presente nas festas de carnaval, nesse caso se dança em pares.

Outro fato comum é que, as pessoas se fantasiam com máscaras, assustadoras, e fazem a diversão dos bailes de carnaval, cerca de 20 pessoas, normalmente é dividido em grupos, de amigos ou familiares que se preparam juntos e combinam um horário para aparecer no baile.

Outra data importante, é a Festa do Bom Jesus, festa essa de cunho religioso, é comemorada uma vez no ano, sempre no mês de agosto e dura quatro dias, de quinta a domingo.

Nesse período acontece, também, um baile, que não tem relação com a igreja, também são contratados cantores, que cantam forró, e é comum que as pessoas dançam em par. No sábado e no domingo, ocorre uma missa, para o Bom Jesus, logo após tem um leilão, onde os prêmios são doados por moradores e visitantes, o dinheiro arrecadado é doado para a igreja.

A Romaria do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade, que ocorre uma vez por ano no local, é uma comemoração religiosa, na qual as pessoas se juntam, fazem rezas e cantorias religiosas, e vão de casa em casa, das pessoas que são devotas. Essa prática envolve também, pessoas de outras comunidades.

FIGURA 7 - PROCISSÃO DA ROMARIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO E SANTÍSSIMA TRINDADE



FONTE: João Urban, livro Mar e Mata, a serra a floresta e a baía: Seus homens e suas mulheres (2008).

3.1.3. LENDAS E MITOS

Os mitos e lendas são ainda praticados, os mais antigos acreditam na existência de bruxas, lobisomem, saci pererê e curupira. E através do conto, é passado de geração em geração, normalmente é contado para filhos, netos e sobrinhos.

3.2. ATIVIDADE ECONÔMICA DA PESCA DO SIRI

Atualmente, a atividade econômica predominante na comunidade é a pesca do siri (*Callinectes sp.*). A captura do crustáceo, é realizada pelos homens, já o beneficiamento (transformação em carne), é uma técnica, na maioria das vezes, praticada pelas mulheres, que são chamadas de "marisqueiras".

O processo da pesca do siri começa com a pesca do peixe, que é utilizado como isca para captura do crustáceo. Logo, é colocado em uma gaiola, suporte feito com rodas de ferro, nesse caso é utilizado roda de bicicleta, e envolto com rede de pesca, é amarrado uma corda, onde na ponta se coloca uma garrafa pet, para que o equipamento possa flutuar (FIGURA 8), esse equipamento de pesca fica no mar por cerca de 12 horas submersa.

Um tempo depois, o pescador retira e faz a coleta dos siris (FIGURA 9), que é levado até a comunidade com a ajuda de um carrinho de mão ou carrinho caçamba (FIGURA 10).

FIGURA 8 - GAIOLA JÁ COM A ISCA SENDO COLOCADA NO MAR



FONTE: Mirelly Laceda (2015).

FIGURA 9 - RETIRADA DA GAIOLA, JÁ COM OS SIRIS CAPTURADOS DEPOIS DE 12 HORAS



FONTE: Mirelly Lacerda (2015).

FIGURA 10 - SIRIS COLETADOS, SENDO LEVADO ATÉ A COMUNIDADE COM A AJUDA DE UM CARRINHO DE MÃO OU CARRINHO CAÇAMBA



FONTE: A autora (2017).

A partir de então, começa o processo de transformação com as seguintes etapas:

- 1º etapa. O siri é cozido em uma panela com água fervente até que cozinhe a carne, nesse processo é utilizado um fogão a lenha, adaptado (FIGURA 11);
- 2º etapa. As marisqueiras retiram a carne, processo esse chamado de “desmariscagem” (FIGURA 12);
- 3º etapa. As carnes são pesadas em exatos 1000g e embaladas, e refrigeradas, desta forma, estão prontas para a comercialização (FIGURA 13). As carcaças são descartadas, já a casca do siri também é comercializada (FIGURA 14).

FIGURA 11 - COZIMENTO DO SIRI, NO FOGO A LENHA



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 12 - RETIRADA DA CARNE DO SIRI, PELAS MARISQUEIRAS



FONTE: A autora (2019).

FIGURA 13 - SAQUINHOS COM CARNE DE SIRI, PORCIONADOS COM PESO DE 1KG



FONTE: Mirelly Lacerda (2015).

FIGURA 14 - CASCA DO SIRI



FONTE: A autora (2019).

A atividade da pesca do siri já era realizada no passado, porém se intensificou nos últimos anos. Desta forma foram realizadas entrevistas a fim de descrever as atividades, técnicas e práticas, desenvolvidas antes desse período.

As atividades desenvolvidas com mais intensidade a cerca de 70 anos atrás eram: (i) pesca (ii) coleta de moluscos; (iii) artesanato; (iv) farinha; (v) plantação de alimentos, chamada popularmente de “roça”.

3.3. ATIVIDADES DE PESCA ANTERIORES A PESCA DO SIRI TORNAR-SE PREDOMINANTE

3.3.1. Pesca do siri

A pesca do siri antigamente era feita também com a rede (malha 6), porém se tornou inviável, uma vez que o siri rasgava a rede, e acabava perdendo o apetrecho. Passou então a ser capturado com “gancho”, que nada mais é do que um galho ou madeira fina, com um gancho em forma de “v” na ponta, ou era utilizado um facão.

Essa atividade era feita manualmente, com auxílio de um uma lamparina artesanal, que funcionava com combustível, para poder enxergar o siri e assim capturá-lo. Por conta da dificuldade, e demanda alta de tempo, o siri era pouco comercializado e utilizado mais para consumo próprio.

3.3.2. A Pesca de Peixes e Camarões

A pesca antigamente era feita com uma rede chamada de “piçoca”, uma rede de arrasto, onde arrastava e pegava organismos de porte pequeno, peixes, camarões e siris.

Depois de um tempo a pesca foi aperfeiçoada a passou a utilizar redes de malha, que varia de tamanho 4,5 a 22. As malhas entre 4,5 e 6 é chamada de rede de “caceio” para pegar peixes de pequeno porte e camarão, já a malha de 8 a 22 pegam peixes de porte maior, como tainha (*Mugil brasiliensis*), pompano (*Trachinotus spp.*), robalo (*Centropomus spp*) e corvina (*Plagioscion squamosissimus*).

3.3.3. Coleta de Moluscos

Antigamente também era habitual a prática da coleta de sururu, berbigão, bacucu e ostras, todos eram pegos manualmente.

O sururu e o berbigão ficam na beira do manguezal, na lama, onde fica o capim. O bacucu é coletado no “baxio”, ou seja, quando a maré seca, também na lama.

Já a ostra fica nas raízes das árvores do manguezal ou nas pedras. É necessário apenas uma embalagem para armazenar os organismos coletados, e o uso é em sua maioria para consumo próprio, pois são pouco comercializados, o preparo é menos trabalhoso, basta tirar a “casca” e preparar no fogo com algumas especiarias. Essa prática, é desenvolvida até os dias atuais e a forma de coleta não sofreu alterações, além de continuar sendo pouco comercializada é utilizada em sua maior parte para consumo próprio.

3.3.4. Cestaria

A cestaria ou balaio era uma das atividades mais desenvolvidas na comunidade, atividade essa, que foi uma das principais fontes de sustento das famílias, ela exige conhecimento e muita técnica, por conta dos detalhes presentes na elaboração.

A produção, em sua maioria, desenvolvida pelas mulheres e crianças, vale salientar que antigamente era comum a participação de crianças no processo de produção. Essa participação se dava principalmente no momento de descascar a taquara e locomoção dos cestos, que são relativamente leves. (FIGURA 15 E 16).

FIGURA 15 - CRIANÇAS CARREGANDO AS CESTARIAS



FONTE: Carlos Zanello de Aguiar e Silvio Aurichio, livro, O trançado em Tambarutaca (1987).

FIGURA 16 - CRIANÇAS DESCASCANDO A TAQUARA



FONTE: Carlos Zanello de Aguiar e Silvio Aurichio, livro, O trançado em Tamarutaca (1987).

Os homens participavam na coleta da taquara (FIGURA 17), espécie de gramínea, e cipó (utilizada para finalização do cesto), que era a primeira etapa para produção, é um processo de ida até a mata, na própria comunidade, feita através de caminhada, ou em outro lugar da baía, através de barco.

Sempre com a ajuda de um facão para poder cortar o cipó, que logo era levado até a casa do pescador, alguns utilizam também uma luva, para proteger as mãos, sempre tem um responsável na família, que busca a taquara (FIGURA 18).

FIGURA 17 - HOMEM COLETANDO A TAQUARA, NA MATA



FONTE: Carlos Zanella de Aguiar e Silvio Aurichio, livro, O trançado em Tambarutaca (1987).

FIGURA 18 - HOMEM RETORNANDO À COMUNIDADE, COM AS TAQUARAS COLETADAS



FONTE: Carlos Zanello de Aguiar e Silvio Aurichio, livro, O trançado em Tamarutaca (1987).

Então, começa o processo de produção, primeiro a taquara é armazenada, na sombra, esse passo é importante para manter a qualidade da matéria prima, logo depois temos o processo de descascar a taquara.

Com as taquaras já descascadas, o próximo passo é cortá-la do tamanho ideal, de acordo com o tamanho do cesto. Então se faz o “trançado”, essa técnica é um processo onde são intercaladas, as fitas da taquara, até chegar no formato de balaio. O cipó, é utilizado para dar o acabamento, esse precisa ficar no sol, até secar, depois é descascado e utilizado na finalização do produto.

Atualmente poucas pessoas praticam esse trabalho. A comercialização é pequena, muitas vezes é sob encomenda e a pedido de familiares ou até mesmo para uso do artesão. Outra mudança, de grande relevância, é a questão do envolvimento de crianças na produção das atividades, na qual antes participavam ativamente no processo, e hoje com a atividade principal sendo a pesca do siri, esse envolvimento, apesar de ainda ocorrer, é muito pequeno (FIGURA 19).

FIGURA 19 - CESTARIAS PRODUZIDAS ATUALMENTE



FONTE: Luiz Felipe Pires (2021).

3.3.5. Farinha

Para a técnica de produção de farinha, primeiramente é necessário plantar a mandioca, que é a matéria-prima base. Logo após o processo de crescimento e desenvolvimento da planta, o aipim é retirado da terra e passa por um processo de higienização e lavagem com água, para retirar o excesso de terra.

Então, passa pelo processo de descascamento para tirar a “pele” escura, logo é ralado, depois é prensado numa espécie de prensa, chamada popularmente no local de "cuncho", até que saia água da mandioca e fique bem sequinha.

Logo após, a mandioca é peneirada, até que fique fininha, e finalmente é levada até o forno, nesse caso forno a lenha, (vale ressaltar que o forno, na época era feito de barro), e a farinha de mandioca está pronta, é feito também biju e Cous Cous.

Atualmente ainda existem as “casas de farinha” (FIGURA 20 E 21), mas em pouca quantidade, pois o siri tomou o lugar delas, que viraram “casas de siris”. A produção de mandioca é pequena, sem intuito de mercadejar. É realizada apenas para consumo próprio, e uma forma de reunir as mulheres e lembrar dos tempos antigos.

FIGURA 20 - CASA DE FARINHA



FONTE: Luiz Felipe Pires (2021).

FIGURA 21 - CASA DE FARINHA



FONTE: Luiz Felipe Pires (2021).

3.3.6. Plantação de Alimentos, Chamada Popularmente de “Roça”

Era comum, e uma forma de subsistência antigamente, a plantação de alimentos. Os alimentos mais comercializados eram o arroz e a mandioca (que era transformada em farinha). Outros alimentos também eram cultivados como: feijão, milho, taiá, batata doce, tomate, abóbora e melancia, e hortaliças como cebolinha e alfavaca.

O arroz era de suma importância, na época, pois havia até fazendas de arroz, e muitos moradores trabalhavam nessas áreas, os grãos, eram comercializadas no centro da cidade, Paranaguá e distribuídas para os consumidores. Na época da colheita, era comum a dança do fandango, essa dança faz parte da cultura do litoral do Paraná, eles as praticavam, como forma de comemoração, pois era o momento que finalizava o ciclo da plantação.

Atualmente ainda ocorrem plantações, porém de forma muito pequena, e apenas para consumo próprio. Ainda é produzido mandioca (FIGURA 22), melancia (FIGURA 23), banana, milho, cana de açúcar, abacate, jabuticaba, araçá, goiaba, caju e maracujá, além das hortaliças, como, cebolinha, salsinha, hortelã e alfavaca, utilizada como especiarias no preparo das comidas.

FIGURA 22 - PLANTAÇÃO DE MANDIOCA



FONTE: A autora (2017).

FIGURA 23 - PLANTAÇÃO DE MELANCIA



FONTE: A autora (2017).

3.4. TURISMO

O morro careca é um dos pontos turísticos tanto dos moradores, como de quem visita o local, pois através dele se tem uma vista incrível da Baía de Paranaguá.

A comunidade possui uma relação intensa, com a comunidade vizinha de Ponta de Ubá, o acesso se dá, tanto por mar, como por caminhada em uma trilha que demora cerca de 40 minutos, o intuito é de diversão, pois o local tem um perfil de praia, e por isso o nome popular é “prainha”.

3.5 A INVISIBILIDADE DOS PESCADORES

Segundo Terra & Dorsa, “as comunidades tradicionais têm ao longo de sua história, interagindo com a natureza, com os costumes, repassados de geração em geração procurando dar continuidade às tradições recebidas dos antepassados”.

A carência de reflexão e articulação dos pensadores sobre a categoria dos pescadores artesanais ainda é grande, mas pode ser diminuída. Pesquisas que conseguem expressar o trabalho desses profissionais, com toda a sensibilidade da consideração aos aspectos culturais, como um acúmulo de conhecimentos que precisam fazer parte da construção do saber, caminham nessa direção (PIEVE, 2009).

Os moradores das comunidades tradicionais atualmente passam por um processo de evasão dos lugares onde habitam, em busca de oportunidades para o sustento.

A comunidade local atualmente é despercebida tanto pela população, como pelo poder público, desconsiderando suas tradições, atividades, hábitos e expressões culturais. Dessa forma, realizar uma pesquisa sobre comunidades e atividades tradicionais é de suma importância para a academia, bem como para a comunidade que possui uma baixa visibilidade social, e para o poder público que deveria praticar a justiça e garantir o direito das comunidades tradicionais.

De acordo com, PENA & MARTINS, (2014) há uma negligência por conta do estado, em relação a assistência a população de pescadores. Segundo RODRIGUES, et al. (2011), para que esse processo de reconhecimento ocorra, é importante a comunidade receber acesso aos direitos constitucionais e construir um processo

coletivo de identidades, que traz uma visibilidade política, social e cultural aos povos e comunidades.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas práticas e técnicas ainda são desenvolvidas da mesma forma que com que era feito antigamente, como a produção de farinha e coleta de moluscos e cestaria, mas não com a quantidade que eram realizadas antes. Já outras sofreram algumas adaptações como a pesca do siri, a pesca de outros organismos como peixes e camarões.

Essas atividades são feitas de forma secular, pois a atividade principal é a pesca do siri, pois é uma atividade que otimiza o tempo e é mais rentável, por isso, se tornou a principal. Percebe-se que com essa mudança se obteve muitos pontos positivos, houve uma melhoria de vida, o poder de compra se tornou maior dando mais conforto para os moradores. Porém tem também seu lado negativo que é a perda das outras atividades e práticas, que antes tinham sua importância, as relações de comercialização também mudaram, enquanto antigamente eles produziam seus alimentos ou os coletavam, hoje uma grande parte é comprado no mercado, normalmente se vai uma vez por semana, até o centro de Paranaguá.

Observa-se, uma grande importância no papel da mulher, primeiramente no processo da produção de farinha e também na desmariscagem, retirada da carne de siri, bem como, na produção de cestaria, elas possuem um papel fundamental dentro da cadeia de produção, porém não são reconhecidas legalmente por suas atividades, sendo reconhecidas como pescadoras, e não como artesãs, farinheiras ou marisqueiras.

O número de moradores tende a diminuir, uma vez que, os mais jovens buscam oportunidades na área urbana de Paranaguá, tanto para estudo, faculdade, já que a comunidade só oferece ensino até o nível médio, ou para emprego. Esse deslocamento, afeta a continuidade da cultura, que se torna vulnerável por conta da evasão, o grande motivo dessa migração são as pressões sociais sofridas pelos mais jovens, para que busquem uma vida melhor em sentido financeiro, diferente daquela vivida pelos pais e familiares.

Em relação a parte de festividades, crenças e costumes, é algo que ainda está muito presente no local, mas, por conta desse momento de pandemia, as festividades que acontecem anualmente, foram adiadas.

O turismo tem crescido na comunidade, além de receber os familiares, outras pessoas, também acessam o lugar, a fim de lazer, através de uma agência de turismo, chamada Turismo Caiçara, que entram em contato com a comunidade para recepcionar os turistas. Foi construída uma cozinha comunitária, onde o lucro é doado para igreja católica, e que é utilizada nos momentos de festividades e turismo.

REFERÊNCIAS

- BIGARELLA, J.J. Contribuição ao Estudo da Planície Litorânea do Estado do Paraná. Arquivos de Biologia e Tecnologia, v. 1, PP 75-111, 1946 - 2001.
- BRASIL, 2000. LEI N o 9.985, DE 18 DE JULHO DE 2000. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9985.htm>. Acesso em 25 de setembro 2016
- BRASIL, 2009. LEI N° 11.959 DE 29 DE JUNHO DE 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2007-2010/2009/Lei/L11959.htm. Acesso em 13 de fevereiro de 2021.
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana A pesca construindo sociedades: leituras em antropologia marítima e pesqueira / Antonio Carlos .Sant'Ana Diegues. São Paulo: Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras/USP. 2004. 315p.
- GERHARDT & SILVEIRA. **Métodos de pesquisa** / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120 p. : il. ; 17,5x25cm. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em 12 de abril de 2017.
- INSTITUTO ÁGUA E TERRA (IAT), 2016. **Zoneamento Ecológico Econômico – ZEE**. Disponível em: <http://www.iat.pr.gov.br/Pagina/Zoneamento-Ecologico-Economico-ZEE>. Acesso em 07 de janeiro de 2021.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Cidades e Estados. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/paranagua.html>. Acesso em 04 de janeiro de 2021.
- INSTITUTO CHICO MENDES DE BIODIVERSIDADE. **APA de Guaraqueçaba**. Disponível em: <https://www.icmbio.gov.br/portal/unidadesdeconservacao/biomas->

brasileiros/marinho/unidades-de-conservacao-marinho/2244-apa-de-guaraque%c3%a7aba. Acesso em 28 de dezembro de 2020.

MENDONÇA, J. T. et. al. **Socioeconomia da pesca no litoral do estado do Paraná (Brasil) no período de 2005 a 2015**. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/49194/33407>. Acesso em 04 de janeiro de 2021.

MINISTÉRIO DA AGRICULTURA, PECUÁRIA E ABASTECIMENTO (MAPA). **Pesca no Brasil**. Disponível em: <https://www.gov.br/agricultura/pt-br/assuntos/aquicultura-e-pesca/pesca/pesca-no-brasil>. Acesso em 06 de janeiro de 2021.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **Cadastro Nacional de Unidades de Conservação**. Disponível em: <https://www.gov.br/mma/pt-br>. Acesso em: 28 de agosto de 2020.

PENA, P. G. L. & MARTINS, V. L. A. **Sofrimento negligenciado : doenças do trabalho em marisqueiras e pescadores artesanais** / Paulo Gilvane Lopes Pena, Vera Lúcia Andrade Martins, (Organizadores) . - Salvador : EDUFBA, 2014. 352 p.

PIEVE, STELLA MARIS NUNES. **Pescadores da Lagoa Mirim: etnoecologia e resiliência** / Stella Maris Nunes Pieve; Rumi Regina Kubo; Gabriela Coelho-de-Souza.- Brasília : MDA, 2009. 244p.; il.: 23cm.

PLANO DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO INTEGRADO DE PARANAGUÁ (PDDI), 2007. Disponível em: http://www.paranagua.pr.gov.br/plano_diretor/+%20PLANO%20DIRETOR/PDF/PDDI%20-%20Volume%20I-%20An%C3%A1lise%20e%20Diagn%C3%B3stico.pdf. Acesso em 04 de janeiro de 2021.

PREFEITURA DE PARANAGUÁ. **HISTÓRIA**. Disponível em: <https://www.paranagua.pr.gov.br/conteudo/a-cidade/historia> . Acesso em Acesso em 04 de janeiro de 2021.

RAYNAUT, C. et al. Desenvolvimento e meio ambiente: em busca da interdisciplinaridade: pesquisas urbanas e rurais I Claude RaynauL .. [et al.]. - Curitiba: P..d. da UFPR, 2002.296 p.: il., mapas, tabs. - (Pesquisa; n. 77).

RODRIGUES. et al. **Comunidades Tradicionais: sujeitos de direito entre o desenvolvimento e a sustentabilidade.** Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area1/area1-artigo13.pdf>. Acesso em 04 de março de 2021.

UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NO BRASIL. **APA de Guaraqueçaba.** Disponível em: <https://uc.socioambiental.org/pt-br/arp/977>. Acesso em 10 de fevereiro de 2021.

VANHONI, F. & MENDONÇA, F., 2007. **O Clima do Litoral do Estado do Paraná.** Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistaabclima/article/view/25423/17042>. Acesso em 01 de fevereiro de 2021.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. História do Paraná, 1995, 7^a. edição,”

ANEXO 1

REGISTROS DE BATISMO IGREJA CATÓLICA DE GUARAQUEÇABA

Esses documentos foram coletados na igreja católica Bom Jesus dos Perdões, de Guaraqueçaba, fornecidos pelo pelo responsável da paróquia, padre Leocádio Zytkwski.

113

Aos dezesseis de maio de mil novecentos setenta
e cinco na Capela de São Miguel o rvd.
 Padre moacir Borsari e.S.S.R. batizou solenemente a
Ivanildo nascido aos dezesseis de junho de mil
 novecentos setenta e quatro filha legítima de Manoel
Genivalves Neves e Izalita Rosário naturais
 de Paraná e residentes em São Miguel Foram
 padrinhos: Julio B. Araujo e Julia Rosário Araujo
 O Vigário Fadri Ilario

Aos dezesseis de maio de mil novecentos setenta
e cinco na Capela de São Miguel o rvd.
 Padre moacir Borsari e.S.S.R. batizou solenemente a
marcelo nascido aos cinco de março de mil
 novecentos setenta e cinco filha legítima de Eloir
Alves Pires e Leindameri Araújo Pires naturais
 de Paraná e residentes em São Miguel Foram
 padrinhos: Aldemir Alves Pires e Diamantina Valentim
 O Vigário Fadri Ilario

Aos dezesseis de maio de mil novecentos setenta
e cinco na Capela de São Miguel o rvd.
 Padre moacir Borsari e.S.S.R. batizou solenemente a
Cesar João nascido aos primeiros de Dezembro de mil
 novecentos setenta e quatro filho legítimo de Vitor
dos Santos e Círene dos Santos naturais
 de Paraná e residentes em São Miguel Foram
 padrinhos: Hamilton dos Santos e Izabel Fernandes
 O Vigário Fadri Ilario

Aos dezesseis de maio de mil novecentos setenta
e cinco na Capela de São Miguel o rvd.
 Padre moacir Borsari e.S.S.R. batizou solenemente a
Amarildo José nascido aos trinta de Dezembro de mil
 novecentos setenta e quatro filho legítimo de Tomaz
Fernandes e Maria Isabel dos Santos naturais
 de Paraná e residentes em São Miguel Foram
 padrinhos: Almir do Rosário Santos e Sueli Corino dos Santos
 O Vigário Fadri Ilario

Aos primeiro de Junho de mil novecentos setenta
e cinco na Matriz de Guaraguacaba o rvd.
 Padre Mario de Maria batizou solenemente a
Tachseu José nascido aos dois de Abril de mil
 novecentos setenta e cinco filho legítimo de Yrander
da Constantino e Donizeth P. Constantino naturais
 de Paraná e residentes em Paranaguá Foram

+
 - Guaranda José Volker P. S.R.

Aos vinte e nove de Setembro de mil novecentos e setenta
quatro na Capela de S. Miguel o n.º
 Padre Mário de Maria batizou solenemente
Caecio José nascido aos dois de março de mil
 novecentos e setenta filho leg. de
Pedro do Rosario Costa e Teresa Nascimento Costa naturais
 de Paraná e residentes em S. Miguel Foram
 padrinhos: Osório Alves da Costa e Maria do Rosario
 O Vigário Tadeu Ilario

Aos vinte e nove de Setembro de mil novecentos setenta
quatro na Capela de São Miguel o n.º
 Padre Mário de Maria batizou solenemente
Caecio José nascido aos dois de março de mil
 novecentos e setenta e dois filho leg. de
Pedro do Rosario Costa e Teresa M. Costa naturais
 de Paraná e residentes em S. Miguel Foram
 padrinhos: Osório Alves Pires e Landamir de Araujo
 O Vigário Tadeu Ilario

Aos vinte e nove de Setembro de mil novecentos setenta
e quatro na Capela de São Miguel o n.º
 Padre Mário de Maria batizou solenemente
Sergio nascido aos três de março de mil
 novecentos setenta e quatro filho leg. de
do Rosario Costa e Teresa Nascimento Costa naturais
 de Paraná e residentes em São Miguel Foram
 padrinhos: Toni Alves Pires e Mezir Fernandes
 O Vigário Tadeu Ilario

Aos vinte e nove de Setembro de mil novecentos setenta
e quatro na Capela de S. Miguel o n.º
 Padre Mário de Maria batizou solenemente
Josilson José nascido aos dois de março de mil
 novecentos setenta e quatro filho leg. de
Nascimento Araujo. Ingrida Nascimento naturais
 de Paraná e residentes em Santa do Espírito Foram
 padrinhos: Aldemiro Alves Pires e Anita Gomes
 O Vigário Tadeu Ilario

Aos vinte e nove de Setembro de mil novecentos setenta
e quatro na Capela de Almeida o n.º
 Padre Mário de Maria batizou solenemente
Delega Maria nascida aos seis de março de mil
 novecentos e setenta e quatro filha leg. de
Veraneio e Lourdes Venancio naturais
 de Paraná e residentes em S. Miguel Foram

Aos trinta de junho de mil novecentos e setenta e quatro na Capela de S. Miguel o rvc
 Padre Mário batizou solenemente
Denise Maria nascida aos seis de Dezembro de r
 novecentos e setenta e três filha leg. sã rel. de
João do Rosário e Rosa Americo do Rosário nature
 de PR e residentes em S. Miguel Forc
 padrinhos: Domingos Ferreira e Luiz Gonçalves das Neves
 O Vigário Padre Mário

Aos trinta de junho de mil novecentos e setenta e quatro na Capela de S. Miguel o rvc
 Padre Mário Di Maria batizou solenemente
Waldomiro José nascido aos vinte e seis de Outubro de n
 novecentos e setenta e três filho leg. de Jenis
Rodrigues Correia e Felícia Pires nature
 de PR e residentes em S. Miguel Forc
 padrinhos: João Bento do Rosário e Rosa Américo
 O Vigário Padre Mário

Aos sete de Julho de mil novecentos e setenta e quatro na Matriz de Oraba o rvc
 Padre Mário Di Maria batizou solenemente
Yoskio Marcos nascido aos dezoito de Fevereiro de n
 novecentos e cinquenta e cinco filho civil de
Tadashi e Tsuyoko Shiga nature
 de Japão e residentes em S. Paulo Forc
 padrinhos: Antonio Felício Ramos e Osira Costa Ramos
 O Vigário Padre Mário

Aos oito de Julho de mil novecentos e setenta e quatro na Capela de Rio das Caioas o rvc
 Padre Mário Di Maria batizou solenemente
Yazira Maria nascida aos - de - de n
 novecentos e trinta e quatro filha nat. de
Bonifácio Gonçalves Araújo e Cristina Alves nature
 de PR e residentes em Rio Oraba Forc
 padrinhos: João Alves e Dalila Alves
 O Vigário Padre Mário

Aos oito de Julho de mil novecentos e setenta e quatro na Capela de Rio das Caioas o rvc
 Padre Mário Di Maria batizou solenemente
Isabel Neli nascida aos quinze de Mais de n
 novecentos e sessenta e seis filha leg. sã rel. de João

Aos doze de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de São Miguel o rvd. Padre Mário de Maria batizou solenemente a Hom nascida aos doze de Dezembro de mil novecentos setenta e um filha legítima de Carlos de Souza Franco e Mariana Leonardo naturais de Paraná e residentes em S. Miguel Foram padrinhos: Elói Alves Pires e Rita do Rosario O Vigário Tadeu Lharis

Aos doze de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de S. Miguel o rvd. Padre Mário de Maria batizou solenemente a Mibete nascida aos primeiros de Setembro de mil novecentos setenta e três filha legítima de Antonio Sirofin e Rosa do Rosario naturais de Paraná e residentes em S. Miguel Foram padrinhos: Toni Alves Pires e Neiza S. Pires O Vigário Tadeu Lharis

Aos doze de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de São Miguel o rvd. Padre Mário de Maria batizou solenemente a Yurema nascida aos 22 de Dezembro de mil novecentos setenta e um filha legítima de Yairine de Araújo e Maria Eurica do Rosario naturais de Paraná e residentes em S. Miguel Foram padrinhos: Mariano de Oliveira e Maria Beatriz O Vigário Tadeu Lharis

Aos doze de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de S. Miguel o rvd. Padre Mário de Maria batizou solenemente a Macideli nascida aos doze de Julho de mil novecentos setenta e três filha legítima de Orlando Lopes e Julia Alves naturais de Paraná e residentes em S. Miguel Foram padrinhos: Elói Alves Pires e Arina M. de Araújo O Vigário Tadeu Lharis

Aos doze de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de S. Miguel o rvd. Padre Mário de Maria batizou solenemente a Mariuzza nascida aos doze de Agosto de mil novecentos setenta e três filha legítima de Antonio dos Santos e Maria Amélia naturais de Paraná e residentes em S. Miguel Foram

- Bernardo José Volpato C. P. R.

Aos vinte nove de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de S. Miguel o rvd. Padre Mario di Maria batizou solenemente a Eunice nascida aos nove de junho de mil novecentos setenta e três filha de Antonio Bento Alves e Vicentina do Carmo naturais de Paraná e residentes em S. Miguel Foram padrinhos: Mario Moseimento e Jolanda Lopes O Vigário Tadeu Maria

Aos vinte nove de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de S. Miguel o rvd. Padre Mario di Maria batizou solenemente a Sandro nascido aos trinta de março de mil novecentos setenta e três filho leg. de Felipe do Rosario e Teresa Alves do Rosario naturais de Paraná e residentes em São Miguel Foram padrinhos: Nilo Fernandes e Meide do R. Fernandes O Vigário Tadeu Maria

Aos vinte nove de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de S. Miguel o rvd. Padre Mario di Maria batizou solenemente a Luciana nascida aos dezesseis de março de mil novecentos setenta e um filha leg. de Floriano de Oliveira e Maria Leonardo naturais de Paraná e residentes em S. Miguel Foram padrinhos: João Landido do Carmo e Landida Jacinto O Vigário Tadeu Maria

Aos vinte nove de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de S. Miguel o rvd. Padre Mario di Maria batizou solenemente a Marilisa nascida aos quatorze de maio de mil novecentos setenta e três filha leg. de Acisio Alves Costa e Maria do Rosario naturais de Paraná e residentes em São Miguel Foram padrinhos: Arnoldo do Rosario e Elair Fernandes Rosario O Vigário Tadeu Maria

Aos vinte nove de setembro de mil novecentos setenta e três na Capela de S. Miguel o rvd. Padre Mario di Maria batizou solenemente a Paulo nascido aos doze de julho de mil novecentos setenta e três filho leg. de Domingos

MEMORIAL

MEMORIAL DAS INTERAÇÕES CULTURAIS HUMANÍSTICAS

Dentro do curso de Bacharel em Gestão Ambiental, foram efetuadas, oito oficinas de Interação Cultural Humanística (ICH), que serão detalhadas a seguir:

1º Semestre de 2016 - ICH DIREITOS ANIMAIS

A ICH de Direitos animais foi ministrada pela professora Juliana Quadros, foram abordados assuntos de direitos animais, de forma muito dinâmica, através de vídeos e discussões, sempre tratando do respeito, consideração e proteção animal. Além de dar enfoque ao vegetarianismo e veganismo, no final finalizamos as aulas com o evento FICH- Festival de Interações Culturais Humanísticas, onde os alimentos servidos, eram sem origem animal.

2º Semestre de 2016 ICH ORNITOLOGIA

O módulo de Ornitologia, que foi oferecido pelo professor Luiz Macedo Mestre, tinha como objetivo o estudo das aves e suas diversidades. As aulas teóricas foram realizadas em sala, e tivemos muitas saídas de campo na trilha do Cabaraquara e a maioria das vezes no Parque Rio da Onça e na Praia. Nessas saídas, pudemos colocar em prática todo o aprendizado em sala, aprendemos também a identificar várias espécies.

1º Semestre de 2017 ICH DIREITO E LITERATURA

A ICH de Direito e Literatura, tinha como objetivo nos auxiliar através das legislações, dando ênfase no contexto histórico do litoral e para tal fim, líamos um livro sobre o assunto, e os alunos realizavam a discussão sobre o tema.

2º Semestre de 2017 ICH DANÇA DO VENTRE

A ICH de dança do ventre foi ministrada pela professora Maria da Graça Kfoury Lopes, houve um problema com a aluna que nos daria aula, e em um determinado momento, partimos para outros tipos de dança, de forma livre. Logo, a professora conseguiu uma professora de dança do ventre, onde pudemos aprender diversas técnicas, tivemos também conteúdos teóricos, focado na história da dança, e uma aula sobre técnicas de maquiagem.

1º Semestre de 2018 - ICH CERÂMICA: MAGIA, TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA

As aulas de Cerâmica, foram ministradas pela professora Ana Elisa Castro Freitas, aprendemos um pouco do contexto histórico, e no decorrer das aulas efetuamos moldes de peças, através da argila, foi ensinado todos os passos para fabricação, desde o molde, armazenamento e forneamento, até ter a peça, como produto final. As aulas foram feitas em sala de aula e também na parte externa da faculdade.

2º Semestre de 2018 ICH ZOOICH

As aulas de ZOOICH, foram ministrados pelo professor Luiz Mestre e sua esposa Juliana onde, a parte teórica era tratada em sala, por meio de slide onde era explicado as divisões das espécies dos animais, e as aulas práticas eram feitas no laboratório, onde era possível analisar os animais que tinham sido estudados anteriormente, tivemos também algumas saídas de campo, com o objetivo de aprofundar o conteúdo estudado.

1º Semestre de 2019 - ICH ALIMENTAÇÃO TRADICIONAL CAIÇARA

Essa ICH foi ministrada pelo professor Diomar Augusto de Quadros, onde foram abordados diversos aspectos da cultura e tradições do litoral do Paraná, realizando atividades teóricas e práticas, contando com a participação dos alunos em ambas as metodologias de ensino, o que enriqueceu as aulas de informação e conhecimento. Nas aulas teóricas, o objetivo era sempre os pratos típicos da região, e nos aprofundamos sobre o modo de vida das comunidades. Todos os pratos a serem realizados foram discutidos e escolhidos em grupo e a arrecadação dos ingredientes

foram feitas de forma voluntária, o que mostra a grande participação dos alunos e compromisso com as aulas.

As práticas foram divididas em grupos de forma organizada, com a colaboração de todos, que proporcionou um efetivo conhecimento, pois o aluno acompanhou todo o processo de preparação do prato até sua degustação.

1º Semestre de 2019 ICH BAGRICH - O ICH PARNANGUARA

O Bagrich, foi ministrado pelo professor Valdo José Cavallet, o principal objetivo era de aprofundar, de forma individual e coletiva, autonomia, responsabilidade e cidadania, no município de Paranaguá, a cada aula tinha uma palestra com um convidado, e foram abordados diversos assuntos, e como forma de avaliação, o aluno deveria realizar uma ação, que impactasse a vida de alguém, e por final deveria enviar um portfólio, com todas as atividades desenvolvidas.

MEMORIAL PROJETO DE APRENDIZAGEM

O PA Projeto de Aprendizagem, teve duração de 8 períodos, divididos em semestres, o tema que pretendia trabalhar já estava definido, por tem uma familiaridade com o local, além de ser uma continuação de um trabalho do ensino médio. Os dois primeiros semestres foram focados no desenvolvimento de metodologias de pesquisas, o tema definido por mim, era sobre o papel da mulher na ilha de São Miguel, também trabalhei um pouco na questão cultural, sob orientação da professora Charlotte.

Logo nos próximos quatro semestres, fui orientada pelo professor Eduardo Harder, até o ano de 2018, nesse período comecei com o tema sobre São Miguel, logo resolvi mudar de tema, e realizei pesquisas sobre jazidas de areia e o impacto dela na cidade de Paranaguá, mais especificamente no bairro Embocui. Por encontrar muita dificuldade em achar informações sobre o tema, voltei para o tema anterior, mas com outro foco. Já no final do semestre, houve a mudança de orientador.

Nos dois últimos semestres, 2019, escolhi ser orientada pelo professor Antonio Luis Serbena, e o local de estudo, continuou sendo São Miguel, porém o tema agora tinha um foco histórico e cultural, evidenciando também as práticas e costumes.

MEMORIAL DE VIVÊNCIAS EM GESTÃO AMBIENTAL

A matéria de vivências em Gestão Ambiental, foi realizada através das atividades de Iniciação Científica, no projeto Análise de material particulado, mp2,5 na cidade de Paranaguá, entre 01 de agosto de 2016 a 31 de julho de 2017.

Esse projeto, sob orientação do professor Rodrigo Arantes Reis, se deu início por conta da gravidade que a poluição atmosférica pode causar, tanto ao meio ambiente e à saúde humana.

No projeto estudamos, avaliar a contribuição da poluição atmosférica por meio do MP 2,5 μm na cidade de Paranaguá, litoral paranaense, a fim de determinar as possíveis fontes de emissão e buscar a relação entre as variáveis estudadas e a variação no fluxo de caminhões e embarcações no município.

A amostragem foi realizada em filtros de policarbonato Nuclepore® de 37 mm de diâmetro, que são alocados em um impactador Inercial do tipo Harvard acoplado em bomba de vácuo, regulada para vazão de 10 L/min. Essas amostragens começaram dia 16/12/2016 e teve duração de um ano. Nesse processo, participei ativamente, fazendo instalações dos equipamentos, manutenção e troca de filtros, bem como para análise dos resultados, fazíamos parte de uma grande equipe, onde todas as atividades eram divididas.

De maneira preliminar, concluímos que os níveis de PM_{2,5} no município de Paranaguá tem grande potencial de gerar efeitos deletérios na saúde. Tais resultados apontam para um possível cenário de risco ambiental por poluição atmosférica na região.